

**O** TERREMOTO que atingiu o estado indiano de Gujarat em 26 de janeiro de 2001 foi a mais devastadora catástrofe natural de que se tem lembrança. A destruição assumiu proporções avassaladoras. Assim que a poeira se dissipou, homens, mulheres e crianças

# Escala Richter 7,7!

POR HENRY  
HURT

tiveram de assumir o controle do próprio destino. Foram muitos os momentos de tristeza e desespero, mas também de esperança e alegria – e os exemplos de extraordinária coragem.

**A** NOITE foi longa para Rasik Thacker. *Sonny*, seu plácido pastor alemão, ganiu e latiu durante a noite toda, subindo e descendo da cama em que Rasik, 52 anos, e a mulher tentavam dormir. O ex-prefeito de Bhuj gostaria de ter descansado mais, pois no dia seguinte haveria diversas festividades. Sexta-feira, 26 de janeiro de 2001, era o Dia da República, o 51º aniversário da constituição da Índia. Ali, no estado ocidental de Gujarat, assim como em todo o país, famílias se preparavam para o fim de semana prolongado em celebração à mais importante data nacional.

Na cidade de Anjar, Nimita Thacker, 12 anos (sem parentesco com o prefeito), havia terminado de estudar e conversava com os pais. Estava ansiosa para encontrar os amigos da escola na manhã seguinte, no desfile do Dia da República. Ficou radiante quando Hiten, o irmão mais velho, contou que planejava assistir ao desfile e que procuraria por ela.

Krimali Joshi também estava entusiasmada, na verdade mais com o seu futuro do que com o passado da Índia. Aos 17 anos, a jovem concluíra

os estudos em Bhuj, e na manhã seguinte faria uma entrevista para trabalhar como vendedora. Espalhou as roupas para escolher o vestido que causaria a melhor impressão.

Mas o ex-prefeito de Bhuj não conseguia se livrar do mau pressentimento. *Há algo sinistro nesta noite*, Rasik Thacker pensou. Com o sono entrecortado, o cão latindo e rodeando a cama, ele chegou a uma sombria conclusão: *Os deuses da morte estão vigiando este lugar*.

Cedo na manhã seguinte, na área rural a nordeste de Bhuj, Maharaj Karman saiu de sua aldeia, Umedpur, para buscar lenha. Na beira do grande deserto que se estendia entre ele e a fronteira do Paquistão, uns 80 quilômetros ao norte, começou a cortar pequenas árvores. Para carregar a lenha de volta, trouxera com ele uma parelha de bois, atrelados a uma carreta de duas rodas.

Alguns quilômetros adiante, uma nômade muçulmana, Rahima Bachu, saía a pé de sua choupana coberta de palha para cortar feno. Pouco antes de partir, comentou com o marido como os cães pareciam estranhamente agitados naquela manhã, latindo e uivando.

Às 8h46, uns 15 quilômetros abai-

xo deles, uma placa da crosta terrestre com cerca de 50 quilômetros de largura deslocou-se seis metros. Não foi a primeira vez – ao longo das eras, essas mesmas forças básicas haviam empurrado o subcontinente da Índia em direção ao norte, encrespando a superfície da Terra para formar a estupenda Cordilheira do Himalaia.

Nessa manhã de janeiro, a energia criada pelo movimento explodiu com a velocidade de um foguete e o ruído de dezenas de caças de guerra – e uma força 700 vezes maior do que a energia liberada pela bomba atômica em Hiroshima.

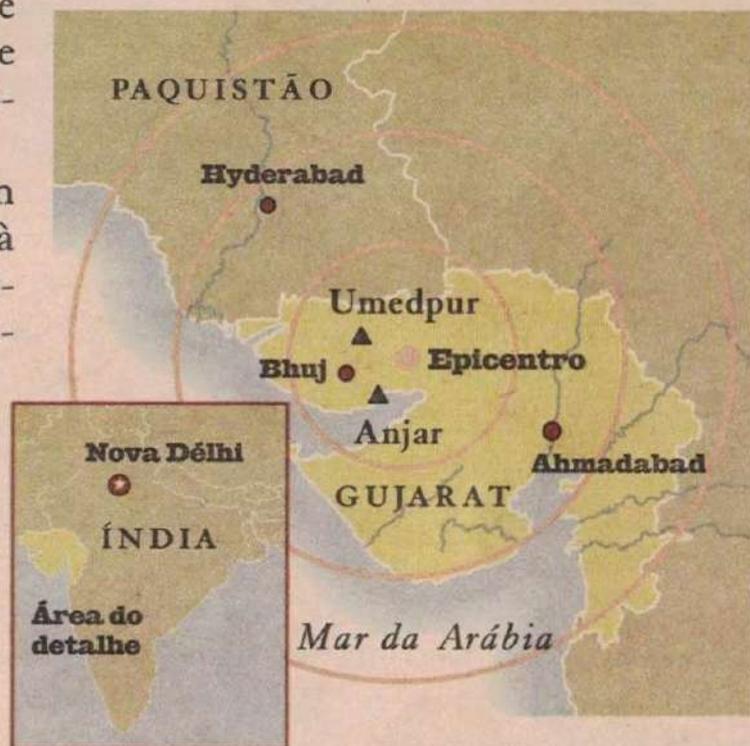
O lenhador Maharaj Karman sentiu ceder os joelhos. A terra à sua volta começou a tremer furiosamente e rachou; seus bois começaram a cambalear. Rahima, a muçulmana nômade, perdeu o equilíbrio e caiu, sendo depois jogada para a frente. Conseguiu se reequilibrar apoiando-se nas mãos.

Depois de mais de um minuto de ruídos ensurdecedores e oscilações violentas – horizontais, verticais e até circulares –, surgiram visões fantásticas e aterrorizantes. Os aldeões de Umedpur viram fendas de 15 centímetros de largura rachar a terra em todas as direções. Erupções de areia surgiam descontroladamente, algumas com mais de três metros de altura. Por toda parte, jorros de água, muitas vezes do dobro da altura de um homem, transformaram, de um instante para outro, a terra árida e plana do deserto

em um lago que se alongava até onde a vista podia alcançar.

Quando os aldeões provaram a água, perceberam que estava salgada, revivendo a antiga lenda (neste caso, um fato científico) de que, milhões de anos antes, toda a região fazia parte do oceano.

Todas as casas em Umedpur foram destruídas, cobrindo a aldeia de 500 habitantes com um manto de arenito, pedras e concreto. Quatro



MAPA: © MATT SHEPHERD

bebês foram lançados de seus berços. Três mulheres ficaram presas sob os escombros de suas casas. Mas, no fim desse colossal cataclismo, um milagre parecia ter ocorrido: ninguém morreu nem ficou gravemente ferido.

Essas pessoas foram abençoadas pela simplicidade de suas vidas. Não havia nada que fosse muito mais alto do que a cabeça dos atarefados camelos, que percorriam estradas e trilhas com suas enormes pantufas

naturais. Era pouco o que poderia cair sobre os moradores.

Mas, enquanto poderosos anéis concêntricos de violência se expandiam em todas as direções, as cidades de Gujarat não teriam tanta sorte.

## ‘Não havia crianças...’

**E**NQUANTO Nimita Thacker escovava os cabelos, sua mãe veio conversar com ela, ajeitando com a escova as longas tranças negras da filha. Nimita prendeu os cabelos, tomou um copo de leite e se dirigiu ao Portão Savasar, uma das antigas entradas da cidade murada de Anjar, 50 quilômetros ao sul do epicentro do terremoto.

Nandish Kodrani, 12 anos, um garoto rebelde de olhos brilhantes cujo sonho era ser médico, também se dirigia ao ponto de encontro do desfile, assim como sua colega de escola, Meetal Thacker, da mesma idade. As três crianças estavam entre os 350 alunos e 73 professores da maioria das 20 escolas municipais da cidade.

Com alguns minutos de atraso, a alegre procissão moveu-se por ruas estreitas, que serpenteavam entre velhas construções de um ou dois andares, feitas de blocos de pedra rejuntados por argamassa rala.

Todos os meninos vestiam camisas brancas e *shorts* cáqui, e as meninas, vestidos marrons com xales brancos. Cada criança agitava uma bandeira nacional, entoando canções patrióticas e gritando *slogans*.

Meetal e Nandish cantavam alegremente; o rosto de Nimita se iluminou ao avistar entre os espectadores o irmão mais velho, Hiten. Ele sorriu e acenou. Ela sorriu de volta, apontando a bandeira para ele.

À frente do desfile, o diretor de uma das escolas, Maoji Maheshwari, surgiu em uma praça vindo de uma rua sinuosa e percebeu que havia se adiantado em relação aos alunos. Parou e olhou para trás, prestando atenção às vozes, sabendo que, a qualquer momento, eles surgiriam da curva.

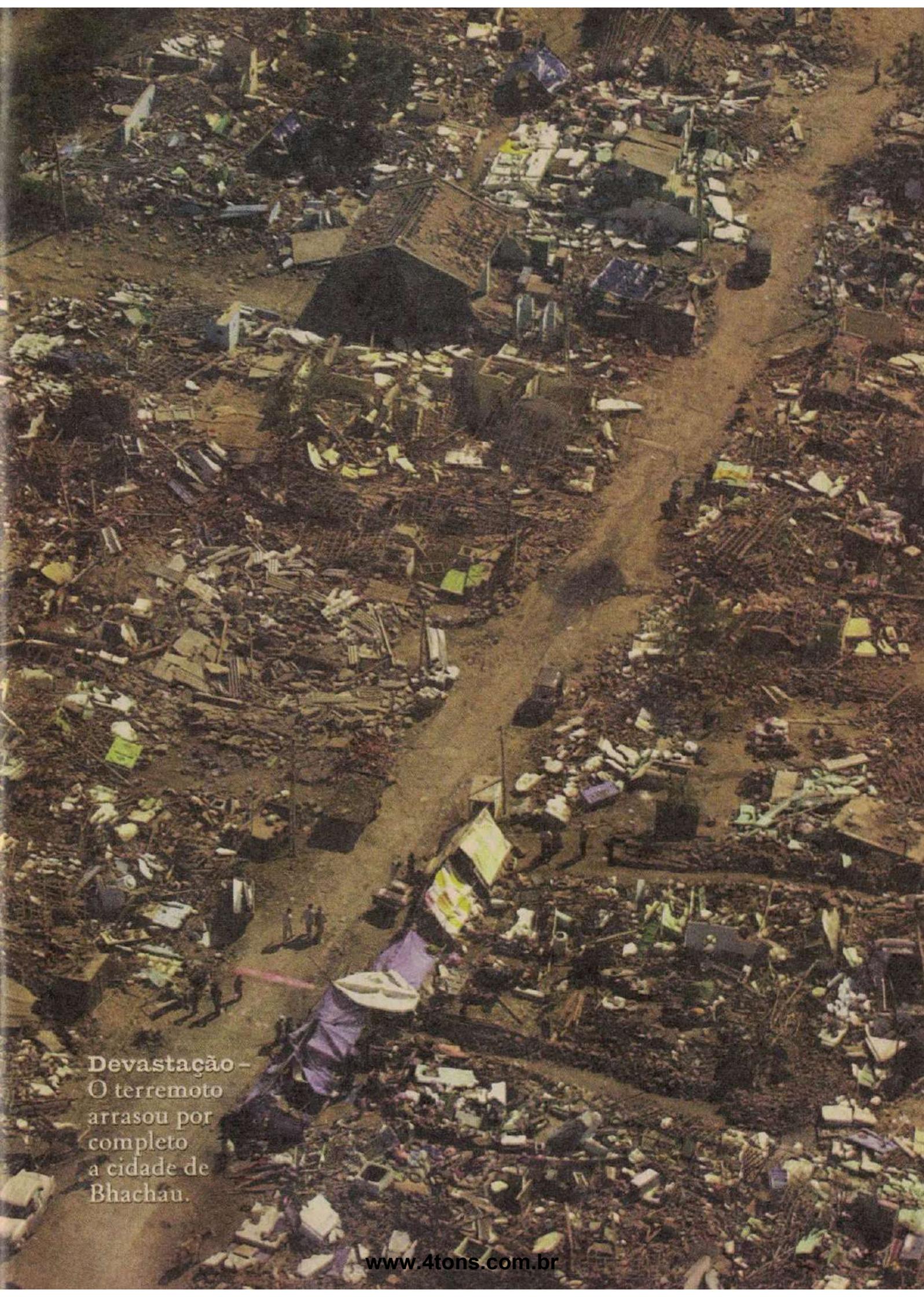
Foi nesse instante que o terremoto os atingiu. “No início, tudo balançava de um lado para o outro, e depois subia e descia”, conta Maheshwari. “Em seguida, ficou mais rápido e mais violento. Era como se mil rolos compressores estivessem vindo pelas ruas.”

A seus pés a rua rachou, e Maheshwari viu a fenda correr. Então, em meio ao estrondo dos desabamentos e aos gritos das crianças, tudo escureceu em um redemoinho de poeira.

“Achei que fosse o fim do mundo”, lembra ele. “Pensei na arca de Noé. Estava certo de que se tratava de uma catástrofe mundial.” Não podia imaginar que sobreviveria.

Quando ele pôde enxergar algo, olhou para onde as crianças deveriam surgir. Mas os prédios que ladeavam a rua haviam desmoronado. “Não havia crianças...”, gagueja ele, o queixo trêmulo. “Não havia nada, exceto um monte de escombros.”

No momento em que a xícara de chá caiu da mão de Nalini Kumb-



Devastação -  
O terremoto  
arrasou por  
completo  
a cidade de  
Bhachau.

hare, espatifando-se no chão, e ela se sentiu zozza, teve certeza de que deveria ser algum problema grave de saúde. Mas as paredes de seu apartamento de segundo andar, em Ahmadabad, centro industrial de Gujarat, começaram a tremer violentamente. Soube então que era um terremoto.

Gritando ao marido, Arun, que apanhasse a filha de 6 anos, Nalini agarrou o filho de 1 ano e 3 meses, e desceu correndo as escadas. Assim que chegou ao térreo, escutou um rugido e foi jogada de costas, ainda abraçando o menino. Por um instan-

numa voz fraca, quase inaudível, abafada por toneladas de escombros.

No vasto silêncio de sua tumba, abraçada ao garotinho, Nalini rezava. Cada vez que o menino chorava, acariciava-lhe o rosto e o corpinho, murmurando: "Não chore, meu filho."

COM FRIO, paralisado pela dor e pelo medo, Kunal Doshi sentiu que a cabeça e o braço esquerdo se encontravam acima dos escombros, embora estivesse em total escuridão. Uma pesada porta de madeira assentara-se uns 30 centímetros acima da cabeça do garoto de 15 anos. Enquanto a

## **No vasto silêncio de sua tumba, abraçada ao garotinho, Nalini dizia: 'Não chore, meu filho.'**

te, viu todo o edifício acima dela se transformar em escombros.

Depois, só havia escuridão. E logo silêncio, exceto pelos gritos do filho.

Ela estava imobilizada da cintura para baixo, mas conseguia mexer os braços e a cabeça. Percorreu com os dedos uma superfície plana cerca de um palmo acima de seu rosto – uma laje de concreto que os separava de toneladas de escombros. Calculou que, a qualquer momento, também a laje iria mover-se e esmagá-los.

Nalini, uma mulher pequena de 32 anos que trabalhava como fiscal de impostos, começou a chamar pelo marido e pela filha. Chamou também pelos vizinhos do prédio, mas

porta impedia que a cabeça fosse esmagada, os escombros o mantinham preso, como se estivesse enterrado na areia molhada.

A dor latejante lhe dizia que a perna direita havia sido esmagada. O braço direito, apontando para cima, estava imobilizado. A perna esquerda, também presa, permanecia esticada para fora.

Kunal, que tomava banho na hora do terremoto, gritou por socorro. No entanto, no prédio de três andares, em Anjar, ninguém respondeu.

QUANDO os tremores atingiram Bhachau, Suresh Thacker (nenhum parentesco com os demais Thackers)

envolveu o filho em um lençol e escapou pela porta da frente de casa com os outros homens da família. Sua mulher, Bhavna, e as outras mulheres agarraram o que puderam e fugiram.

Segundos depois, a estrutura de concreto desabou, vomitando nuvens de poeira branca que bloquearam a luz do dia. Às cegas, Suresh procurava Bhavna, desesperado, e, quando a encontrou, perguntou:

– Você está com Shweta, não está?

– Não! – gritou Bhavna. – Pensei que você estivesse com ela!

Suresh correu para casa, mas não havia nada além de escombros. A maior peça intacta era uma laje de concreto que havia sido o teto. Imaginando que talvez o bebê estivesse sob a laje, a família inteira, ajudada por vizinhos, tentou removê-la, mas a laje pesava toneladas.

– Não podemos fazer nada – disse Suresh a Bhavna.

A jovem mãe começou a chorar inconsolavelmente. Naquela noite, a temperatura caiu para quase 0° C. Toda a esperança de que Shweta ainda pudesse estar viva ruiu.

Bhavna continuou a chorar dia após dia. A família pensou que ela ia chorar para sempre.

### **‘Fiz tudo que pude’**

**A**TINGINDO 7,7 na escala Richter, o terremoto foi considerado o desastre mais devastador de que se tem lembrança. O Exército indiano foi mobilizado, bem como a Força de

Ação Rápida, além de várias organizações religiosas.

Mas a destruição atingira proporções assombrosas, e não havia tempo a perder. Assim que a poeira assentou, homens, mulheres e crianças em toda parte em Gujarat tiveram de contar com os próprios recursos para assumir o controle de seu destino e do destino de outros.

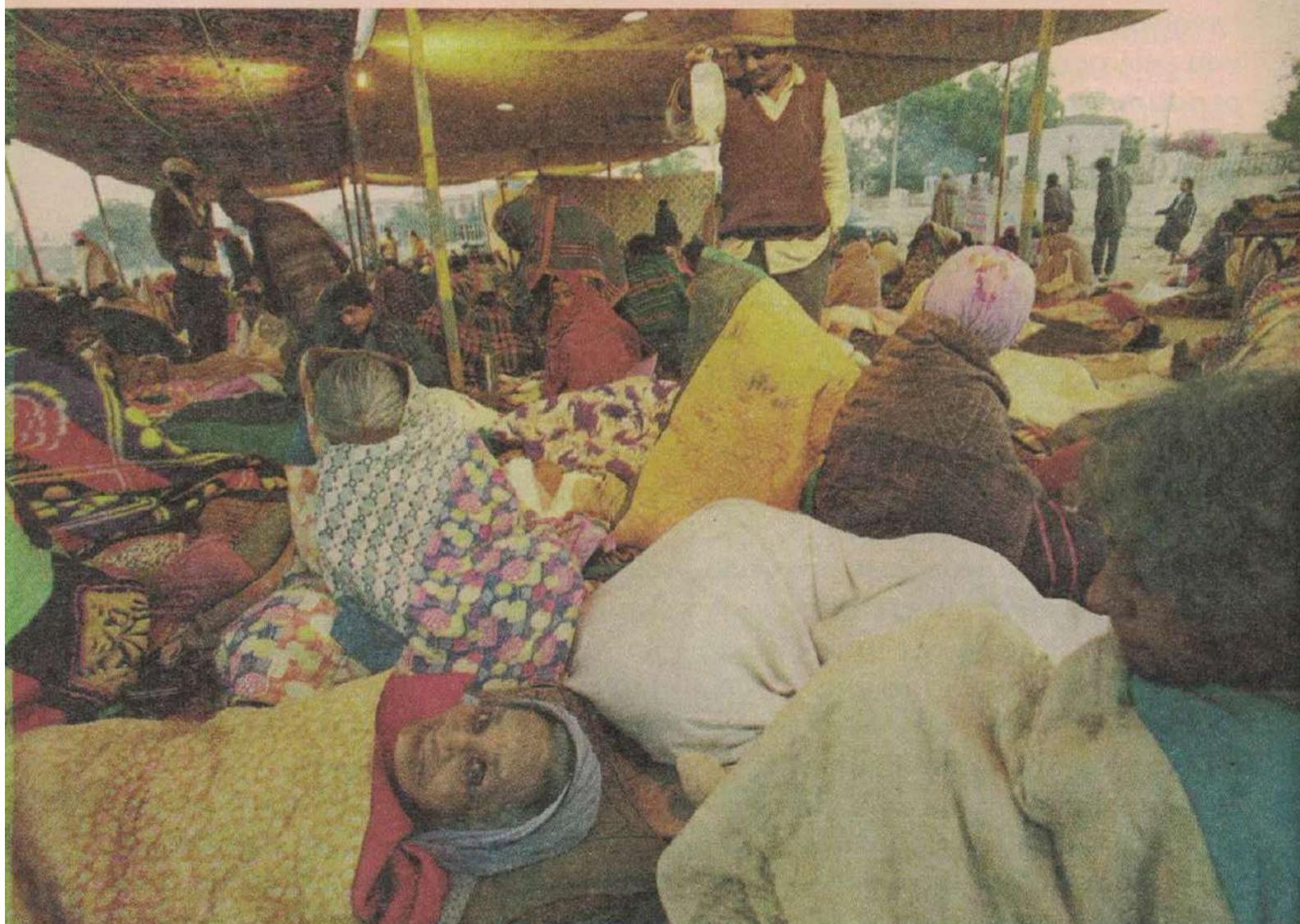
BALANÇANDO a cabeça, o Dr. Gyaneshwar Rao fitava o que restara do moderno hospital de 30 leitos que ele e a mulher haviam construído em Bhuj. O Dr. Rao acabava de chegar ao local, 45 minutos depois que o terremoto atingira o prédio. Sua equipe já havia removido os pacientes, estendendo-os na rua.

Atordoado e em lágrimas, o médico pôde ver pessoas horrivelmente feridas, vindas de todas as direções, que se arrastavam e traziam parentes ou amigos, implorando-lhe ajuda. “Alguns tinham os membros arrancados e soltos, pendurados apenas por peles”, conta ele. “Outros exibiam fraturas múltiplas e ferimentos horríveis na cabeça. E eu não tinha sequer um estetoscópio.”

– Não estão vendo que perdi meu hospital? – perguntava o Dr. Rao, despachando-os. – Vão para o hospital público!

– Mas o hospital do governo não existe mais – alguém disse. – E por que o senhor está chorando? Como pode cuidar de nós, se está chorando?

O Dr. Rao, 41 anos, homem corpulento e enérgico, orgulhoso de suas



**Ações desesperadas** – Em questão de horas, o campo de críquete se transformou em um hospital de emergência sob duas grandes tendas.

habilidades de cirurgião, ficou atônito. *Realmente, pensou ele, como poderia ajudar alguém enquanto estivesse ali parado, aos prantos?*

Controlando-se, o médico gritou para que todos o seguissem, carregando feridos e moribundos. Conduziu a multidão – agora eram mais de 100 pessoas – por vários quarteirões até o campo de críquete. Lá, começou a trabalhar.

Concentrou-se num homem com a perna gravemente fraturada e o estendeu no chão. Dizendo-lhe que

respirasse fundo, manipulou a perna quebrada, colocando-a no lugar.

– Alguém me traga um pau, um pedaço qualquer de madeira! – pediu em voz alta.

Imediatamente lhe entregaram uma lasca de uma porta de madeira estraçalhada.

– Preciso de uma camisa ou um sari, para enfaixar a perna! – disse ele.

Alguém lhe entregou uma camisa e ele imobilizou a perna do homem, que gemia.

O Dr. Rao tratou centenas de feridos

dos naquele dia. “Foram muitos os que já chegaram mortos”, lamenta. Sobre os que ainda estavam vivos, ele comenta: “Eu não tinha nada com que trabalhar. Nenhuma agulha para suturar. Nenhum anestésico. Nada, a não ser minhas mãos.”

Mas a essa altura já correria entre a população a notícia de que estavam precisando de portas quebradas, telhas, tiras de pano. As pessoas traziam suprimentos. O Dr. Rao instruiu os homens fisicamente aptos a formar um círculo de braços dados em torno dele, criando um centro de tratamento rudimentar.

Depois, mandou vários homens vasculhar seu hospital destruído em busca de qualquer medicamento, qualquer instrumento que pudessem encontrar. Mandou também que outros arrombassem uma farmácia a alguns quarteirões dali e trouxessem tudo que conseguissem carregar.

Grande parte dos remédios e equipamentos, trazidos no início, de nada serviu, mas o Dr. Rao exultou ao pôr os olhos em um *kit* de sutura e um par de luvas cirúrgicas. Seus dedos de cirurgião voavam enquanto ele costurava ferimentos enormes, rostos abertos, braços e pernas cortados, intestinos dilacerados. Com a tesoura, amputou braços e pernas pendurados. A certa altura, deu-se conta de que um amigo lhe dava biscoitos, a fim de que ele não precisasse se afastar do trabalho para comer.

Ao avistar o dono de um quiosque de comida que ficava próximo ao hospital, pediu-lhe que trouxesse um

fogão e pusesse para ferver sua maior panela de água. Pouco depois já dispunha de esterilizador.

No fim da manhã chegaram outros médicos; as atividades foram organizadas começando por uma mesa de operações. Quando a noite caiu, já havia 12 mesas e, sob duas grandes barracas, surgira um hospital, rudimentar mas funcional.

“Tive de trabalhar muito rápido naquele dia”, recorda o Dr. Rao. “Agradeço a Deus por ter me permitido ajudar o maior número de pessoas possível.”

## Coragem sem explicação

**O**UTRA que assumiu o controle de seu destino foi Krimali Joshi, a adolescente com a entrevista marcada. Ela saiu do apartamento naquela manhã, satisfeita com o vestido florido – mas achou que o penteado não estava bom e voltou para casa.

Momentos depois, um barulho explosivo e ensurdecedor dominou seus sentidos, enquanto tetos e paredes ondulavam loucamente. Então, tudo começou a desmoronar.

Os pisos do edifício de quatro andares desabaram, em alguns casos esmagando as pessoas surpreendidas no interior. Paredes inteiras foram arrancadas de tal forma que os restos das salas se abriram ao mundo, como um macabro cenário de teatro.

Krimali e a família escaparam sem ferimentos graves, mas não

conseguiram encontrar a saída, rodeados por blocos afiados de concreto entrelaçados com vergalhões.

E o mais horrível: uma imensa laje de concreto, o teto de uma sala, oscilava acima da única rota de fuga possível. Pendia em um ângulo de 45 graus, completamente solta em três lados. O quarto lado se pendurava em uma parede externa por uma conexão invisível, prestes a cair a qualquer momento.

“As pessoas gritavam sem saber o que fazer”, conta Krimali. Foi então que decidiu agir. Sem sapatos, a jovem subiu e desceu pelos escombros, até chegar a um precipício sob a laje de concreto. Mais embaixo, a cerca de cinco metros, havia blocos de concreto disformes, vidros estilhaçados, móveis esmagados, tudo misturado a afiadas pontas de vergalhões.

precipício de sua sala sem parede.

– Jogue o bebê! – gritou Krimali.

A mulher se recusou. Krimali disse-lhe que procurasse um balde e uma corda para baixar o bebê de 2 meses. Não havia nada à mão. Insistiu então que a mulher o enrolasse em lençóis e o jogasse para baixo.

Ainda chorando incontrolavelmente, a mãe envolveu a menininha e sentou-se com ela nos braços na beira da laje. Abaixo, Krimali, os pés descalços firmemente posicionados entre os vergalhões retorcidos, pediu com calma que a mulher jogasse a criança, com impulso suficiente para desviar de uma alta pilha de escombros.

“Rezei a Deus: ‘Por favor, permita que eu consiga apanhá-la’”, conta. Enquanto a mãe decidia o que fazer, Krimali vigiava a laje acima dela.

Então a mulher jogou o bebê. Kri-

## **Uma laje de concreto, o teto inteiro de uma sala, oscilava acima da única rota de fuga.**

Parou para escolher onde seria melhor descer. “Não havia nenhum lugar bom”, diz Krimali, “então pulei.”

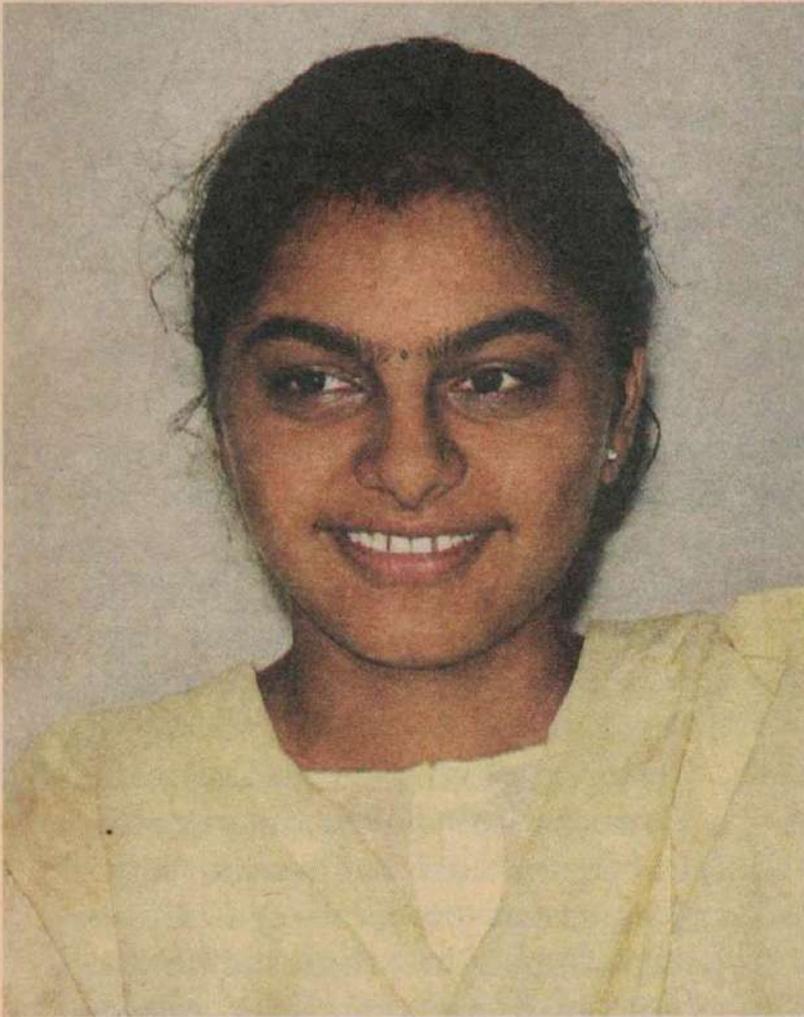
Aterrissou agachada, sem pisar em nenhuma ponta afiada. Encorajada pela boa sorte, sabia que cabia a ela persuadir os demais a segui-la.

Krimali planejava salvar primeiro a família, mas escutou uma mulher que morava dois andares acima gritando para alguém salvar seu bebê. A mulher conseguira caminhar até o

mali o apanhou e viu um sorriso radiante se espalhar pelo rosto da mãe.

– Já volto! – gritou Krimali, abraçando a criança junto ao corpo enquanto se apressava, escolhendo o caminho pelos escombros para chegar a uma área aberta mais adiante, onde os sobreviventes haviam se reunido.

Entregou o bebê a outra pessoa e perguntou se os homens poderiam retornar com ela para ajudar vários moradores presos nos apartamentos.



**Jovem heroína** – Krimali Joshi, 17 anos, teve de agir rápido para salvar dezenas de pessoas presas no edifício.

“Todos estavam com medo da laje pendurada”, conta ela. Mas Krimali, uma jovem de 1,50 metro de altura e cerca de 50 quilos, resolveu voltar lá.

No caminho, ela avistou uma prancha de madeira. Era pesada, mas Krimali conseguiu arrastá-la até logo abaixo da laje pendurada.

Ao colocá-la sobre os escombros, inclinada, criou um escorrega. Sob a orientação de Krimali, a mãe do bebê saltou e, meio rolando, meio deslizando pela rampa, chegou ao térreo. A jovem, então, conduziu-a pelos escombros até o bebê.

Quando Krimali retornou ao local, encontrou um homem que conseguira descer sozinho. Os dois ouviram um choro abafado vindo de um monte de entulho perto de onde estavam.

“Vi a sola de dois pés descalços que se contorciam”, conta Krimali. “Era mulher.” Estava enterrada de cabeça para baixo em posição quase vertical. “Como não conseguimos puxá-la pelos pés, começamos a cavar.”

Trabalharam sob a sombra da laje oscilante. Então perceberam que a mulher estava em adiantado estado de gravidez – e agarrada à filha de 2 anos.

Apesar do choro histérico, mãe e filha só sofreram cortes superficiais. Krimali as confortou e levou a um local seguro.

Nas horas seguintes, a menina fez muitos salvamentos no edifício destruído. Calcula-se que ela tenha sido responsável

por salvar no mínimo 24 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Mesmo assim, 58 pessoas morreram no desabamento.

Três meses depois, rodeada pela família, Krimali não subestima o que fez. Mas atribui seus feitos a algo que não sabe explicar: “Não sei de onde veio minha coragem. Só fico feliz de ter estado ali e de ter conseguido.”

NA RELIGIÃO HINDU, a vida é um ciclo contínuo de morte e renascimento. Faz parte desse ciclo o posicionamento adequado do corpo de uma

pessoa em uma pira, seguindo os ritos apropriados. Mas, no rastro do terremoto, diante de milhares de cadáveres, a única alternativa dos funcionários da saúde pública era queimar os corpos no mesmo local onde foram encontrados.

Em Bhuj, Rasik Thacker dirigiu-se de imediato ao crematório mantido pela seita religiosa Lohana, da qual era o chefe local. Ordenou que as portas fossem abertas para receber corpos de quem quer que fosse.

“Queria preservar a dignidade de todos que pudesse”, diz ele. “Ordenei ao nosso pessoal que preparasse as piras. Enviei outros para conseguir a maior quantidade de lenha possível.”

Ao todo, ergueu 25 piras e registrava em um caderno tudo que conseguia descobrir sobre cada morto. Aqueles que não podiam ser identifi-

lo, alguns raminhos de folhas de tulsi e um pouco de *ghee* (manteiga clarificada) em cada pira”, conta ele. Durante a incineração, sempre havia alguém entoando o mantra Gayatri, o dístico sagrado hindu em sânscrito.

Nos 11 dias seguintes, Rasik não voltou para casa: “Foi muito duro, tanto física quanto emocionalmente. Estávamos assistindo à morte de uma cidade que amávamos.”

O trabalho prosseguiu durante noites e dias, sob o crepitar do fogo que nunca cessava, a fumaça quente e densa e odores horríveis.

Restava mais uma etapa sinistra: a remoção das cinzas dos mortos. Uma vez que não havia como separar as cinzas para entregá-las aos parentes, grupos religiosos hindus as coletaram em sacos de 20 quilos, que transportaram até águas sagra-

## **Nos 11 dias seguintes, Rasik não voltou para casa: ‘Foi muito duro, física e emocionalmente.’**

cados permaneciam no local até que a polícia viesse fotografá-los, antes da cremação. Às 22 horas do primeiro dia, ele havia supervisionado a cremação de 80 corpos. E isso era apenas o começo.

A estrita observação de certos rituais, como troca de roupas e limpeza dos corpos, foi impossível. Mas Thacker se ateu a outros. “Colocamos um pequeno pedaço de sânda-

das, como as do Rio Ganges, para a imersão final.

Com o cão a seu lado, Rasik mostra um caderno sujo de fuligem. Nele, cuidadosamente escritos por mão sempre firme, constam os nomes ou descrições meticulosas de 960 pessoas. É seu registro das almas enviadas aos deuses para suas próximas vidas.

“Isto é tudo que pude fazer”, diz Rasik, com os olhos rasos d’água.

## Ajuda humanitária

**Q**UANDO o mundo tomou conhecimento das proporções da tragédia, alimentos, roupas e equipamentos chegaram de toda parte. Surgiram também equipes médicas e de resgate, vindas de diversos países.

Um desses profissionais era Nick Spence, paramédico de uma equipe de busca e salvamento inglesa.

Três dias após o terremoto, Spence e seus companheiros ouviram gritos abafados vindos de debaixo de toneladas de escombros de um prédio de apartamentos em Bhuj. Cavando no meio de um emaranhado de concreto destroçado e vergalhões afiados como navalhas, logo descobriram a origem: Parth Joshi, um menino de 10 anos, quase inconsciente, imprensado junto ao irmão morto e à mãe gravemente ferida, sentia dores terríveis na perna esmagada.

“Ele havia agüentado por mais de três dias”, conta Spence. Nas 12 horas seguintes, Spence ficou junto a Parth Joshi. “Eu estava com ele quando a mãe morreu. Numa situação dessas, você se torna muito ligado à outra pessoa.

Por fim, Parth Joshi foi libertado e transportado a um hospital de campanha, onde os médicos amputaram o que restara da perna esmagada.

Na esteira do terremoto, espíritos gêmeos assombravam Gujarat. O horror da morte e da perda estava por toda parte, mas também a alegria de viver e a esperança.

“Há uma menina soterrada aqui!”, gritou um homem. São essas as palavras que a participante do desfile do Dia da República, Meetal Thacker, recorda, depois que os edifícios na estreita rua em Anjar desabaram.

Durante 30 minutos, Meetal ficou soterrada, rezando e tentando chamar alguém, com a respiração cada vez mais difícil. Ela conseguia ouvir e sentir o peso de pessoas se movendo sobre os escombros acima, mas ninguém ouvia seus gritos.

Surgiu então o muçulmano desconhecido, que avistou parte de sua roupa, libertou-a e a carregou para um local seguro.

Ela foi uma das crianças afortunadas; assim como seu amigo Nandish Kodrani, que correu na direção de uma loja no fim da rua no momento em que o edifício desmoronou. Ficou enterrado da cintura para baixo e não sofreu ferimentos graves.

Mas Hiten, o irmão de Nimita Thacker, abria caminho entre os escombros, gritando em vão o nome da irmã. Perto do meio-dia, alguém desenterrou o corpo. Das 350 crianças que marchavam no desfile daquela manhã, cerca de 150 morreram, agarradas às bandeiras do país.

Depois que a poeira assentou no interior de sua tumba, Nalini Kumbhare, ainda abraçada ao filho, viu um minúsculo feixe de luz a talvez dois metros de seu rosto.

Quando o primeiro dia virou noite em Ahmadabad e depois novamente dia, o acender e apagar daquele feixe de luz se tornou o relógio de Nalini.



**Sobreviventes** – Presa nos escombros por mais de quatro dias, Nalini Kumbhare conseguiu manter-se viva ao lado do filho.

As noites eram muito frias, e o menino tremia em seus braços. Com muito esforço, ela conseguiu tirar o suéter e agasalhar o bebê.

Apesar da fome e da sede do filho, Nalini não conseguiu mover seus corpos para poder amamentá-lo. Colheu então poeira úmida de concreto e lama e alimentou o bebê com isso. Ele comia e depois dormia por algum tempo, enquanto a mãe lhe contava histórias.

No quarto dia, algo se moveu e a luz se apagou, extinguindo a conexão de Nalini com o mundo. Os gemidos do bebê haviam enfraquecido e a sede era enlouquecedora. Tinha certeza de que iam morrer.

No quinto dia, começou a ouvir sons acima de onde se encontravam. A princípio, pensou que estavam

despejando entulhos sobre sua tumba, mas um novo raio de luz surgiu acima de sua cabeça. Então ouviu vozes, e o filho começou a choramingar com renovado vigor.

– Tem alguém vivo aí? – perguntou um homem.

– Sim! – gritou de volta Nalini. – Estou viva! E meu filho também!

– Não se desespere! – o homem tornou a gritar.

Com os olhos fixos no orifício de luz, Nalini viu os dedos de um homem, depois sua mão. Ele passou uma garrafa de água pelo buraco. Ela deu água ao filho e depois bebeu.

Cinco minutos depois, ouviu novamente a voz do homem e de outros, que começavam a cavar. Quando o orifício aumentou, pôde ver que seu salvador era do Exército indiano.

Entregou-lhe o bebê, e um enorme sorriso invadiu o rosto do homem enquanto erguia o menininho.

“Meu filho também sorriu”, conta Nalini. “E ouvi pessoas aplaudindo.” Minutos depois, Nalini foi puxada para fora sob mais aplausos. Tinham ficado sepultados durante 98 horas. “Meu irmão estava lá e contou que meu marido e minha filha estavam no hospital.”

Exceto pela desidratação, mãe e filhos estavam bem. Segundo Nalini, os médicos disseram que a poeira úmida com que ela alimentou o bebê pode ter feito toda a diferença.

A alegria de Nalini se desfez quando soube que a filha Bhargavi estava morta. “Eu não consegui contar a verdade a princípio”, lembra o irmão, Rajesh Nandanwar. “Não sabia como ela ia reagir.”

Três meses depois, um otimismo calmo parecia guiar a jovem. “Perdemos tudo que conseguimos com nosso trabalho”, diz ela. “Perdemos Bhargavi. Mas, graças à misericórdia de Deus, meu marido e eu estamos vivos e temos nosso filho. Vamos recomeçar.”

## Esperança renascida

**E**M ANJAR, Kunal Doshi, 15 anos, ganhou coragem quando amigos da família o avistaram no segundo dia. Vizinhos retiraram os escombros da superfície, criando uma espécie de túnel de um metro de pro-

fundidade até sua cabeça, e baixaram água e comida para mantê-lo vivo. Mas as pernas estavam imprensadas tão fortemente que ninguém conseguia tirá-lo dali.

Entre o pessoal médico que se arrastou até Kunal, estava Natalia Sukhoparova, cuja equipe de quatro pessoas fazia parte do grupo de 83 russos enviados à Índia para ajudar nos salvamentos. “A perna direita dele estava roxa, inchada e fria”, conta a Dra. Sukhoparova, “mas ele era muito corajoso. Chegou a brincar conosco sobre a vodca russa.”

Por fim, engenheiros do Exército indiano cavaram um túnel lateral e conseguiram remover entulho suficiente para libertar a perna esquerda do garoto. Mas a direita continuava enterrada.

À medida que as horas se passavam e a dor aumentava, tornava-se cada vez mais claro que a única forma de tirá-lo dali era amputando as duas pernas. *Senhor Deus, permita que eles só cortem uma*, rezava Kunal.

Por volta das 22 horas do quarto dia, o coronel Prem Singh Bhandari, cirurgião do Exército indiano, conseguiu descer na minúscula caverna. Outros cirurgiões tentaram amputar a perna direita de Kunal, mas não conseguiram por falta de espaço. O menino despertara da anestesia em agonia histórica.

Como os instrumentos habituais não funcionariam nessas condições, o Dr. Bhandari pediu uma faca afiada e grande. Por ser muito arriscado tornar a anestésiar o menino em um

intervalo tão curto, o médico administrou o suficiente para mantê-lo sedado por cinco minutos.

Depois, em entrevista a um jornal, o Dr. Bhandari descreveu o que aconteceu: “De uma só vez cortei a pele e os tecidos moles. O único problema era serrar o osso. Não havia espaço para eu mover a mão.”

Sem alternativas, começou a trabalhar com um martelo e uma talhadeira médica, e rompeu o osso na parte superior da coxa. O trabalho inteiro, incluindo pinçar as artérias no coto, foi completado em cerca de três minutos, e à meia-noite o menino foi puxado para fora e levado a um hospital de campanha.

Kunal Doshi ficou preso por 88 horas. Perdeu cinco pessoas da família, incluindo o pai. Três meses depois, morando com parentes, Kunal estudava com afinco para as provas finais.

“Eu poderia ter perdido as duas pernas, mas não perdi”, diz o jovem corajoso. “E isso foi bom.”

EM BHACHAU, Bhavna Thacker chorou durante três dias. Já sem esperança, tudo que

desejava era recuperar o corpo de Shweta, sua filha de 6 meses deixada na casa e soterrada sob toneladas de concreto.

Na noite do terceiro dia, a família persuadiu um homem que manejava uma empilhadeira a vasculhar o entulho. Suresh, o pai do bebê, estava presente acompanhado de outros homens da família. Bhavna aguardava nas proximidades.

Quando o motor da máquina silenciou por um momento, os obser-



**Duro salvamento** – Só havia um único e horrível meio de libertar Kunal Doshi.

vadores ficaram atônitos ao ouvir o nítido som do choro de um bebê. “Não podíamos acreditar em nossos ouvidos”, comenta Suresh.

Com cuidado, depois que a máquina afastou lajes e blocos imensos, os homens começaram a trabalhar com as mãos. Logo chegaram a Shweta, deitada em seu berço, chupando o polegar. No berço com ela, havia um retrato de Jalarambapa, personagem santo que viveu há dois séculos e é reverenciado por milhares de famílias indianas. Quando o terremoto aconteceu, o retrato estava exposto em outra sala. Ninguém sabe como foi parar no berço.

À exceção de desidratação, não havia nada errado com Shweta.

“A flor da nossa família tinha desaparecido”, diz Bhavna. “Mas depois voltou. O que aconteceu foi uma bênção, um milagre.”

De volta à Inglaterra, Nick Spence e seus colegas não conseguiam esquecer o pequeno Parth Joshi, que tinham deixado sozinho no hospital. Muitos meses depois, após uma campanha de arrecadação de fundos por todo o país, Spence tinha dinheiro suficiente para trazer Parth à Inglaterra a fim de receber uma perna artificial.

“Ele teria muito poucas chances de encontrar trabalho”, diz Spence. “Mas, com uma nova perna, voltou a ter esperança de levar uma vida normal.”

O GOVERNO INDIANO calcula que 20.005 pessoas morreram no terremoto de Gujarat. Outras 166.812 ficaram feridas, e cidades inteiras foram arrasadas. Os cidadãos se revoltaram com a resposta lenta das autoridades ao desastre. Muitos jogaram a culpa na ganância de construtores inescrupulosos agindo em conivência com burocratas corruptos do governo.

Mas, na maioria dos casos, as atenções voltaram-se para os sobreviventes – sobretudo aqueles que ficaram aleijados, miseráveis e sozinhos.

Em abril de 2001, Ratilal Mehta estava em uma desolada rua de Bhuj alimentando com dados seu *notebook*. O homem, bem-vestido, havia perdido a filha, o genro e dois netos, mas, com um sorriso, contou que estava controlando as necessidades de cada um dos moradores de seu bairro e tentando ajudá-los.

“Essa é a missão dos vivos”, disse. “Fomos poupados para nos ajudar uns aos outros e continuar a viver.”

## CIRCUNSTÂNCIAS



Quando jovens, penteamos os cabelos de acordo com a moda do momento. Ao ficarmos velhos, penteamo-nos de acordo com os cabelos que ainda temos no momento.

—LUIS MANUEL RADILLO, México